

# O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PCB) EM SÃO PAULO: DAS ORIGENS ATÉ A ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA (1922-1935)

Lucas Alexandre Andreto\*

## Introdução

Nos dias 25, 26 e 27 de março de 2022 o Partido Comunista Brasileiro (PCB) faz 100 anos de existência. É o partido mais antigo e duradouro da história do Brasil. Em um século de vida, também a historiografia sobre o PCB teve notório desenvolvimento, datando esta pelo menos desde a década de 1960. Desde seu nascimento até a referida década, já circulava pela imprensa operária brasileira textos de história do PCB, mas a primeira iniciativa de peso deu-se quando o próprio Partido buscou escreve-la em comemoração ao seu aniversário de quarenta anos em 1962. A Comissão Para a História do PCB, organizada pelo Comitê Central (CC), não foi capaz de realizar o intento, mas Astrojildo Pereira iniciou os esforços lançando neste mesmo ano o seu livro *Formação do PCB*, que guarda indicações para a escrita da história dos comunistas (e do movimento operário em geral) que nos são pertinentes até os dias atuais. A principal delas, sem dúvida, é a incidência da própria luta de classes nas condições materiais de escrever a história das organizações operárias. Devido ao largo momento em que o PCB teve de manter-se na ilegalidade, com seus militantes em eterna fuga das buscas policiais, parte significativa de sua documentação histórica foi destruída, outra parte foi dispersada, escondida, de maneira que a melhor contribuição que o historiador poderia prestar seria o estudo do PCB por meio de monografias sobre períodos determinados da vida do partido (PEREIRA, 2012, p. 29).

Ainda que muito se tenha avançado, a historiografia do PCB carece de estudos de caráter particular, de experiências localizadas. Seguindo tendência presente na história do movimento operário brasileiro, as histórias regionais da ação dos comunistas é ainda um campo a ser explorado, delimitando a dialética entre a política nacional e a construção do movimento em suas bases. Nesse sentido, é útil lembrar a estrutura dos partidos marxistas-leninistas: estruturados em células centralizadas pelos Comitês Regionais e pelo Comitê Central, os comunistas deveriam construir seus núcleos em cada cidade, cada local de trabalho, de estudo e em cada bairro (JOHNSTONE, 1985, p. 14). A fórmula poderia muito bem ser resumida na palavra de ordem que certa vez Lênin declarou: cada fábrica russa deveria se transformar em uma fortaleza bolchevique. Evi -

4

\* Graduado e mestre em História pela UNESP de Assis. Doutorando em Ciências Sociais pela UNESP de Marília.

dentemente, ainda que com diretivas gerais, a construção do movimento comunista encontrava particularidades em cada local e exigia táticas adequadas a esse contexto, fazendo com que a história do PCB com recorte por localidade seja uma interessante fonte de informação para reconstrução de sua história geral.

A problemática da particularidade da história do movimento operário sob a perspectiva de recortes regionais já foi salientada por Silvia Petersen ainda na década de 1990. A autora fez importante crítica à historiografia dos movimentos da classe trabalhadora que tomava por “nacionais” a história centrada no eixo Rio-São Paulo, ignorando tendências possivelmente divergentes que tenham vigorado em locais específicos (PETERSEN, 1995, p. 132-133). Contudo, é necessário dizer, quando tomamos a perspectiva de uma história regional, mesmo os lugares mais estudados, como é São Paulo, revelam importantíssimas particularidades.

O movimento operário paulistano é muito estudado sobretudo no que diz respeito ao anarquismo e, em menor medida, o socialismo italiano e o movimento antifascista. O PCB, contudo, recebeu atenção muito menor, sendo praticamente ignorada a sua história na cidade de São Paulo em suas primeiras décadas de vida, salvo por algumas menções, notas de rodapé e poucas definições notadamente negativas (ANDRETO, 2020, p. 3). A razão não é difícil de descobrir: o ponto forte dos comunistas foi desde o início o Rio de Janeiro. Em São Paulo o PCB demorou para se solidificar e mais ainda para conquistar a hegemonia do movimento operário, o que só ocorreu na década de 1930.

Além de descrever sucintamente a origem e o desenvolvimento do PCB na cidade de São Paulo, destacando suas ações de maior vulto e principais políticas, buscaremos pontuar neste artigo que - apesar de a cidade de São Paulo ser a cidade mais industrializada e com maior contingente de população operária no Brasil já na década de 1920 - os comunistas paulistanos atuaram com grande dificuldade, construindo o Partido com assistência muito deficiente por parte do Comitê Central sediado no Rio de Janeiro. A pouca importância dada à cidade de São Paulo pela direção dos comunistas, somada a ausência de quadros qualificados na cidade e a preponderância do movimento anarquista tiveram consequências para o movimento comunista na cidade, algumas das quais buscaremos descrever neste artigo.

São elas: a maior dificuldade do PCB de expansão, impedindo uma rápida ascensão no interior do movimento operário, como ocorreu no Rio de Janeiro; criou-se em São Paulo um relativo isolamento do Comitê Regional (CR-SP) em relação ao CC, que por sua vez engendrou uma relativa autonomia na atuação dos

comunistas paulistanos que possibilitou que em momentos pontuais o PCB tomasse atitudes em São Paulo bastante divergentes daquelas tomadas tanto no Rio de Janeiro quanto em outros locais do país; a relação, muitas vezes de conflito ou de descontentamento entre o CR-SP e o CC tomou forma, pelo menos por duas vezes, de evasões das fileiras dos comunistas paulistanos em direção ao trotskismo.

## **O Gabinete do Dr. Raymundo Reys: Formação e primeiros anos**

Assim como em todo o Brasil, o nascimento do Partido Comunista em São Paulo não se deu de uma só vez. Foi necessário um processo de anos para que um pequeno grupo de militantes do movimento operário paulistano delineassem suas ideias e demarcassem sua posição política de acordo com a obra então iniciada pela III Internacional em 1919. De tal sorte, são de nosso conhecimento ao menos duas tentativas de fundação de grupos comunistas na capital paulista que foram precedentes do surgimento do PCB.

A primeira delas é citada brevemente por Luigi Biondi em seu livro *Classe e Nação*. Segundo o autor, surgiu em São Paulo, em julho de 1918 um “grupo maximalista”<sup>1</sup> por iniciativa de trabalhadores socialistas dos bairros do Bom Retiro e da Barra Funda, e sua primeira ação foi declarar apoio aos anarquistas paulistanos para libertar da prisão Edgard Leuenroth, encarcerado depois de terminada as negociações da greve de 1917 (BIONDI, 2011, p. 361). A segunda, provém de outro grupo de ligações menos diretas com a colônia italiana em São Paulo. Trata-se da iniciativa de fundação do Grupo Comunista Zumbi, inspirado no grupo francês Clarté, dirigido por Henri Barbusse. Fizeram parte do Grupo Comunista Zumbi nomes já bastante conhecidos no movimento operário paulistano, como Edgard Leuenroth, Astrojildo Pereira, Everardo Dias e Gigi Damiani, mas também Maximiano Ricardo, Andrade Cadete, Sílvio Floreal e Affonso Schmidt. O Grupo lançou um manifesto que foi enviado diretamente para Henri Barbusse e publicado em alguns jornais da época, de nome “Palavras de um comunista brasileiro à Liga Nacionalista e à mocidade das escolas” e chamava os brasileiros para filiareem-se ao Grupo Zumbi para lutarem contra as injustiças da sociedade de classe.

Todavia, muito em decorrência da crescente repressão que sofria o movimento operário, as atividades do grupo se limitaram ao lançamento de seu manifesto (PAULILLO, 2002, p. 86-87). Os dois grupos comunistas citados acima tiveram existência efêmera. Além da repressão policial, que aumentava na mesma medida das greves que levava a cabo o movimento operário entre os anos de 1917 e 1921, também foi importante para a dissolução do Grupo Comu -

1. Maximalista era uma tradução que nessa época davam para o termo bolchevista, que se traduz como “maioria”. Os militantes do movimento operário interpretavam que maximalistas eram aqueles que defendiam o programa máximo da revolução

nista Zumbi a cisão no interior do movimento operário entre comunistas e anarquistas. Enquanto alguns dos presentes no Grupo Zumbi estariam também na seção de fundação do PCB em São Paulo, em 1922, outros recuaram de suas posições simpáticas ao comunismo bolchevista e se mantiveram como defensores do anarquismo.

No ano de 1921 os comunistas começaram a organizar-se com a finalidade de fundar seu Partido, rompendo de vez com o anarquismo e o socialismo. Astrojildo Pereira realizou uma série de reuniões no Rio de Janeiro buscando arregimentar pessoas em torno desse objetivo e em novembro deste ano foi fundado o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, que daí em diante passou a divulgar as 21 condições de adesão à III Internacional e incentivar a formação de grupos comunistas nos outros estados brasileiros. Entre janeiro e fevereiro de 1922 Astrojildo Pereira foi pessoalmente para São Paulo para fundar o Grupo Comunista de São Paulo, em que apenas meia dúzia de pessoas estavam presentes (DULLES, 1977, p. 143). A fundação do Grupo ocorreu na sede da Sociedade Beneficente dos Cirurgiões Dentistas, localizada na Rua Líbero Badaró e cujo presidente era o comunista dentista e advogado Raymundo Reys. Sobre a seção de fundação do Grupo Comunista de São Paulo, temos o depoimento do romancista Affonso Schmidt, que era um dos presentes

Paredes meias com o gabinete [de dentista] ficava a sede de uma instituição beneficente dos cirurgiões-dentistas, de que [Raymundo Reys] era secretário. Ele guardava a chave para, alta noite, redigir as atas das sessões. Pois naquele salão de paredes empapeladas de verde, com seis filas de cadeiras e um lustre de quatro lâmpadas, suspenso do teto, muitas reuniões se realizaram, tratando outros fins que não os interesses da sociedade humanitária. Foi ali que, numa noite do ano de 1923, se reuniram diversas pessoas para, sob a direção de Astrojildo Pereira, que para isso havia chegado do Rio de Janeiro, fundarem um partido político. No livro de presença não havia mais de meia dúzia de assinaturas. Finda a reunião clandestina, Raymundo Reys, com sua letra de circunstância, lavrou a ata. Redigiu-a na mesma forma tabelioa que empregava para as reuniões da sociedade beneficente de dentistas, de que era secretário. Dizia mais ou menos assim: aos tantos de tantos, nesta capital, ficou fundada a seção paulista do Partido Comunista do Brasil, instituição que... e lá vinham os intuitos do partido. Linhas abaixo, o papel almanco recebeu as assinaturas dos presentes, poucas, mas históricas (SCHMIDT, 1958, p. 356).

Cabem alguns apontamentos sobre o relato. O ano apontado, 1923, está provavelmente errado, pois as seções locais do Partido tinham de preceder o Congresso Nacional para que pudessem enviar delegados a ele. Evidência nesse sentido, é que em outro depoimento de Schmidt, citado na revista *Estudos*, do PCB, o mesmo acontecimento é relatado no ano de 1922. Nele, Affonso Schmidt informa que Raymundo Reys guardou a ata de fundação do PCB em São Paulo por toda a sua vida, passando-a aos cuidados de sua família quando faleceu em 1944. Daí em diante o paradeiro da ata é desconhecido (NETO, 1971, p. 83). Além de Astrojildo Pereira, parte das pessoas presentes na reunião de fundação do Grupo Comunista de São Paulo é possível de ser deduzida: Raymundo Reys, que lavrou a ata; Affonso Schmidt, que nos testemunha a reunião; João Jorge da Costa Pimenta, que foi o delegado de São Paulo para o I Congresso do PCB no mês de março de 1922; e Everardo Dias que segundo Astrojildo, foi um dos primeiros a aderir ao Partido (PEREIRA, 2012, p. 81).

É possível que outros dos primeiros membros do PCB em São Paulo foram trabalhadores garçons e cozinheiros, pois o sindicato da categoria, chamado de A Internacional, foi reorganizado em 1920 por José Gil Dieguez, Manoel de Oliveira e João Freire de Oliveira e já no início do ano de 1922 defendia por meio de seu jornal, *O Internacional*, as posições da III Internacional e do PCB, publicando textos de Astrojildo Pereira (*O INTERNACIONAL*, São Paulo, n. 31, p. 01-02, 01 jun. 1922). Já em junho de 1922 José Gil Dieguez publica no jornal *O Internacional* um texto de ruptura a com o anarquismo e adesão ao comunismo (idem) e João Freire de Oliveira tornou-se importante liderança comunista na cidade de Santos. Contudo, não é possível saber o momento exato em que a filiação deles ocorreu, isto é, se foi antes ou depois da formação do Grupo Comunista de São Paulo.

Pelo menos até o ano de 1925 a atuação dos comunistas em São Paulo foi bastante limitada, principalmente se comparada com o crescimento constante que o PCB conseguia no Rio de Janeiro. Não organizaram um Comitê Regional de São Paulo, atuando apenas como um grupo genérico de militantes composto por intelectuais, jornalistas, gráficos e trabalhadores do comércio. Porém, não foi ausente de participações em iniciativas importantes. Os comunistas paulistanos lograram conseguir adeptos nas direções de dois sindicatos importantes da cidade: o já mencionado sindicato de trabalhadores de hotéis, restaurantes e classes anexas, A Internacional, e também a União dos Trabalhadores Gráficos (UTG).

Neste último, tiveram participação importante na greve dos gráficos de 1923, que por sua vitória marcou o dia 7 de fevereiro (dia do início da greve), como o Dia do Trabalhador Gráfico. É de se destacar a participação de João

Jorge da Costa Pimenta, militante do PCB liderança entre a categoria dos gráficos e do movimento grevista.<sup>2</sup>

Outro importante acontecimento em que também João Jorge da Costa Pimenta esteve envolvido representando o PCB foi a Revolta Tenentista de 1924. Octávio Brandão, já no fim de sua vida, deixa-nos a memória das negociações do líder comunista paulistano com os tenentistas, a fim de firmar uma aliança entre tenentistas e movimento operário na insurreição.

Antes em 24, em São Paulo, o João da Costa Pimenta foi procurar Isidoro [Dias Lopes] e propôs o apoio do Partido Comunista, dos operários gráficos, armá-los ou dar armas aos operários. E Isidoro teve medo, preferiu desertar ao entregar as armas para os operários – está aí o que é a pequena-burguesia. Cleto Campelo tomou as armas no Recife, vários comunistas padeiros participaram da Coluna Cleto Campelo. Morreram de armas na mão, o dedo no gatilho, lutando contra as tropas da polícia. [...] Fomos procurar Isidoro em São Paulo, e Isidoro teve medo dos comunistas. Mesmo porque Isidoro se deixava levar por Macedo Soares, futuro ministro das relações exteriores. E o Macedo Soares dizia: “Os operários agitam-se já, e as aspirações bolchevistas estão aparecendo”. Isidoro também ficou com medo porque era uma massa operária enorme. E os operários pediram armas a Isidoro” (BRANDÃO, 1993, p. 130).

Apesar da participação nestes dois eventos de grande envergadura para a conjuntura política e do movimento operário da época, o PCB em seu II Congresso de 1925 fez dura avaliação da atuação dos comunistas paulistanos em razão do baixo crescimento do Partido na região.

[...] o II Congresso constata que apenas o Relatório de Pernambuco da uma ideia de atividade constante e profícua. As organizações de Santos, Cubatão e São Paulo, especialmente esta última, ressentem-se de muita deficiência em sua atividade prática. Com efeito, só a inércia e o desleixo podem explicar o atraso da organização comunista – 12 escassíssimos aderentes ao cabo de três anos – num grande centro industrial como São Paulo. O Congresso insiste, pois, com os camaradas dessas localidades para que de futuro desenvolvam um mais profícuo trabalho de organização e propaganda, conquistando para o Partido as massas proletárias daquele Estado (II CONGRESSO DO PCB, 1925, p. 3).

Assim, a inserção no sindicato dos gráficos e garçons, a participação na greve dos gráficos de 1923 e

2. Para mais detalhes sobre a greve dos gráficos de 1923, bem como a atuação de João Jorge da Costa Pimenta, Cf. ANDRETO (2018, p 119-123).

a iniciativa de apoio à insurreição armada dos tenentistas não se transformou em retorno de novos adeptos ao PCB na capital paulista, indicando desde cedo que os esforços do Partido deveriam voltar-se para São Paulo, caso quisessem ganhar força na principal cidade industrial do país.

### **De 1925 a 1930: o tempo urge, São Paulo é grande e seu atraso é imenso!**

Com as palavras que dão nome a nosso subtítulo, o comunista paulistano E. Lopez buscou chamar atenção de seu Partido e da classe operária paulistana para importância de construir o PCB na cidade (LOPEZ, 1925, p. 3). De fato, a situação do PCB em São Paulo sofre alguma mudança no período posterior ao II Congresso. Há um crescimento do Partido a partir de 1925 e 1926, que encontra o auge durante a década nos anos de 1928 e 1929. Há de se destacar o ingresso no Partido de militantes que viriam a ser importantes quadros comunistas durante a segunda metade dos anos 1920, como é o caso de Plínio Mello (jornalista), Vicente Vizzaco (gráfico), Augusto Pizzuti (sapateiro), Manoel Medeiros (gráfico), Florêncio Tejeda (gráfico), Reis Perdigão (militar e ex-tenentista) entre outros (MELLO, 1928). Também cabe tomar nota da entrada no PCB em São Paulo de Mario Pedrosa e Lívio Xavier, que permaneceram no Partido por pouco tempo, e por tempo ainda mais breve atuaram em São Paulo, mas que em 1930 tiveram papel importante na arregimentação de militantes comunistas de São Paulo para fundação da primeira organização trotskista no Brasil (KAREPOVS, 2017).

Assim, se tomarmos por certo, como mostram as fontes que o PCB em São Paulo foi fundado com seis aderentes e até 1925 recebeu doze recrutamentos, significa dizer que a capital paulista contava com dezoito militantes comunistas na metade da década de 1920. Entretanto, em 1927 o PCB havia organizado seu Comitê Regional de São Paulo (CR-SP) e construído células comunistas nos bairros operários da Luz, Brás, Mooca, Santa Efigênia, Bom Retiro e duas células no Centro (CARONE, 1989, p. 148).

O trabalho sindical também avançou significativamente. Uma célula de imprensa havia sido fundada ainda em 1927 com 16 membros (PIZZUTTI, 1927) e um núcleo comunista disputava a União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas (UACCA) com os anarquistas.<sup>3</sup>

Em setembro de 1928, quando do lançamento eleitoral de Everardo Dias para a intendência municipal (vereança) da cidade de São Paulo pelo Bloco Operário e Camponês de São Paulo (BOC-SP), assinaram o manifesto da candidatura (além dos já habituais gráficos, garçons e sapateiros) núcleos eleitorais de tecelões, eletricitas e empregados do

3. Parte dessa disputa está registrada nas cartas trocadas entre Everardo Dias e Astrojildo Pereira no ano de 1927, presentes no Arquivo Astrojildo Pereira, no CEDEM. Outras informações estão disponíveis no prontuário da UACCA nos arquivos do DEOPS, no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

do comércio, indicando um crescimento da inserção do PCB nas categorias de trabalhadores da cidade durante o prazo de um ano, com provável fundação de núcleos comunistas de oposição à direção anarquista desses sindicatos (ANDRETO, 2018, p. 83).

As campanhas eleitorais do BOC, ocorridas por duas vezes em 1928 (em fevereiro eleição para deputados estaduais e em outubro para intendência municipal) indicam crescimento do Partido na capital paulista, ainda que muito inferior a que os comunistas executavam no Rio de Janeiro. Os comunistas, devido principalmente ao número de jornalistas e trabalhadores gráficos pertencentes ao Partido em São Paulo, inseriram-se nas mídias oposicionistas da cidade e conseguiram por este meio defender suas posições em jornais de grande circulação. É o caso, por exemplo, de Everardo Dias, Plínio Mello e Aristides Lobo que trabalhavam no *Diário Nacional*, jornal do Partido Democrático de São Paulo, onde publicavam eventualmente textos sobre as condições da classe trabalhadora e defendiam as posições do PCB. O caso mais significativo, porém, foi a contribuição n' *O Combate*, onde os comunistas definiram por praticamente todo o ano de 1928 e inícios de 1929 a *Coluna Operária*, tendo realizado por aí

Apesar do fraco desempenho eleitoral dos comunistas em São Paulo, a experiência do Bloco Operário e Camponês lhes permitiu a oportunidade de fazer ampla divulgação de suas ideias e de seu programa político. O programa de propostas do BOC sintetizava e sistematizava as demandas históricas do movimento operário até aquele momento, como dia de trabalho de 8 horas, lei de férias, proibição do trabalho infantil, salário mínimo, proteção ao trabalho feminino e principalmente das gestantes, entre outras demandas. Além de nacionalmente o BOC ter sido a primeira experiência eleitoral de setores abertamente antagônicos à ordem burguesa, especificamente em São Paulo o BOC também representou uma ruptura com a tradição abstencionista do movimento operário paulistano, muito influenciada pelo anarquismo e o sindicalismo-revolucionário. Desta maneira, o ano de 1928 é encerrado como momento de absorção de experiências de lutas e de saldo organizativo positivo pelo PCB em São Paulo.

Porém, o crescimento acima relatado foi muito distante do esperado pela direção do Partido, e de fato, muito aquém do crescimento que o PCB obtinha no mesmo período em outros lugares, como Rio de Janeiro, Santos, Porto Alegre e Recife. Em São Paulo, o PCB não conseguia consolidar uma política de formação de qua -

dros como nos outros lugares, e sempre que um quadro importante se formava entre os comunistas paulistanos, logo ele era requisitado pelo Comitê Central (CC-PCB) para atuar na Capital da República, deixando o Partido desfalcado na Paulicéia.

Tal ocorreu com João Jorge da Costa Pimenta, que em 1925 foi enviado ao Rio de Janeiro para sair candidato pelo Bloco Operário, com Mário Grazzinni, liderança sindical entre os gráficos e com Mário Pedrosa. Assim, se em outros lugares, como Santos e Recife o PCB conseguia consolidar lideranças de longo prazo no movimento (pensemos em João Freire de Oliveira em Santos e Cristiano Cordeiro em Recife), São Paulo servia como uma constante reserva de quadros para o Rio de Janeiro.

Não bastasse, os comunistas de São Paulo reivindicavam para o Comitê Central auxílio de maiores recursos, pois devido a sua baixa quantidade de membros e inserção nos sindicatos, a captação de dinheiro e de estrutura material era também muito pouca. Por várias vezes Plínio Mello e Everardo Dias pediram ao CC do PCB o envio de militantes experientes do Rio de Janeiro para formar quadros do Partido em São Paulo e ajudar a alavancar o movimento, bem como pediam também recursos financeiros. A resposta era uma eterna protelação. Também o material propagandístico do PCB chegava com muita dificuldade na capital paulista. Everardo Dias constantemente escrevia cartas para Astrojildo Pereira reclamando do atraso no envio das edições do jornal *A Nação*, em 1927, o que tinha como consequência que os revendedores e compradores em geral se desinteressavam em comprar edições antigas, e o trabalho de propaganda ficava seriamente prejudicado. Assim, vivia o CR-SP quase que a própria sorte, com pouca interferência e respaldo da direção nacional do PCB. Essa situação de isolamento, maior do que a recomendada na teoria de organização partidária leninista, permitiu casos como a retirada do candidato do BOC-SP no pleito de fevereiro de 1928 seguida do apoio a candidatura do Partido Democrático de São Paulo. O acontecimento só foi noticiado à direção do Partido dias depois, mostrando a relativa autonomia com que atuava o CR-SP e engendrando um debate interno de quase um ano sobre o que foi considerado um desvio de direita pelo PCB.<sup>4</sup>

O crescimento insuficiente seguido das posturas pouco recomendadas dos militantes paulistanos fez com que o fortalecimento do Partido Comunista em São Paulo virasse pauta do III Congresso. A resolução determinou que o Partido deveria fazer um estudo aprofundado sobre a situação paulista seguido de diretivas práticas para as atividades na região, reforçar a formação teórica dos militantes, intensificar os recrutamentos e exigir maior disciplina. Algumas das metas estabelecidas foram a funda-

4. Para o debate entre Plínio Mello e o CCE do PCB, Cf. (MELLO, 2020); (CCE- PCB, 2020).

ção de uma Liga Anti-imperialista, uma Liga Antifascista, do Socorro Vermelho e da Federação Sindical Regional de São Paulo (III CONGRESSO DO PCB, 1929, p. 28). Contudo, não demorou muito para que o PCB sofresse um revés na Paulicéia. Em fevereiro de 1929 Plínio Mello é enviado pela CCE ao Rio Grande do Sul para reorganizar o Partido no estado e se candidatar pelo BOC às eleições da Assembleia de Representantes do Estado, que ocorreria no dia 03 de março do mesmo ano. No mesmo mês eclode na cidade uma greve de trabalhadores gráficos que durou 72 dias e exigiu a completa mobilização de militantes do Partido.

Após o movimento dos trabalhadores gráficos, a repressão policial aumentou significativamente e persistiu de maneira sistemática até pelo menos a Revolução de 1930. No ano de 1930 o PCB lança pela última vez a campanha eleitoral pelo BOC. No Rio de Janeiro, o operário marmorista Minervino de Oliveira é apresentado como candidato à Presidência da República, juntamente com o ferroviário Gastão Valentin Antunes para vice-presidência. Mario Grazzini sai candidato para deputado federal pelo Distrito Federal e Penelon Martins concorre como Senador.

Em São Paulo, Aristides Lobo concorre para deputado federal e Everardo Dias para senador. O pleito de março 1930 no que diz respeito à campanha do BOC, porém, foi perfeitamente definido pelo historiador Dainis Karepovs como “uma sucessão de prisões, de dissoluções de comícios e de outras arbitrariedades da repressão” (KAREPOVS, 2006, p. 158). A sede do BOC no Rio de Janeiro foi invadida por diversas vezes, impedindo o alistamento eleitoral, a documentação e material de campanha foi confiscada e destruída e o trabalho de militância dos comunistas se viu grandemente prejudicado. Minervino de Oliveira, Paulo de Lacerda e Mario Grazzini foram presos em plena campanha e o mesmo destino teve os candidatos do BOC-SP, Aristides Lobo e Everardo Dias.

Não bastasse a repressão, o próprio PCB entrou em grave crise interna decorrente da mudança tática do movimento comunista internacional e que levou à desarticulação do grupo dirigente que se formou na década de 1920. Em 22 de junho, em reunião do Comitê Central do PCB, foram aplicadas diretivas visando à “proletarização” do Partido, o que acabou por ser na prática o início do “obreirismo”, uma política de condenação de intelectuais e pessoas de origem burguesa ou pequeno-burguesa dentro do Partido em benefício de um culto da imagem estereotipada e mitificada do operário. Nessa ocasião foram destituídos de seus cargos no Comitê Central os intelectuais que dele faziam parte: Octávio Brandão, Paulo de Lacerda, Leôncio Basbaum, Fernando de Lacerda e mesmo operá-

rios como Manoel Ferreira da Silva e José Casini. Em agosto, Astrojildo Pereira se demitiu do cargo de secretário-geral do PCB e foi enviado para São Paulo junto com Paulo de Lacerda para “reabilitação”. No mês seguinte, Plínio Mello e Aristides Lobo são expulsos do PCB como prestistas e trotskistas (CC DO PCB, 1930, p. 2).<sup>5</sup>

A crise nas instâncias dirigentes do PCB piorou a desorganização causada inicialmente pela repressão policial. A política obreirista, somada a toda uma série de conflitos que a CCE nutria com os dirigentes paulistanos desde a eleição de fevereiro de 1928, acabou por criar o terreno propício para que Plínio Gomes de Mello, Aristides Lobo, Manoel Medeiros, João Jorge da Costa Pimenta e outros importantes militantes do PCB em São Paulo se juntassem a Lívio Xavier e Mario Pedrosa na ruptura com o Partido e início do movimento trotskista brasileiro. De tal sorte, a primeira década de existência do PCB na capital paulista foi marcada por um crescimento modesto a partir de seu segundo quinquênio, mas também pelo isolamento dos comunistas paulistanos em relação a direção do PCB e terminou sob a rubrica da cisão.<sup>6</sup>

### 1931 a 1934: A ascensão do PCB em São Paulo.

O ano de 1931 apresenta um novo panorama, não apenas nacional em razão da Revolução de 1930, mas também no movimento operário paulistano e para o PCB. Novas forças políticas haviam surgido e outras se reconfigurado. Os trotskistas, além de se formarem com parte significativa dos militantes que compunham o CR-SP em 1928, devido a adesão de líderes gráficos como João Jorge da Costa Pimenta, rapidamente tomaram a direção do mais forte sindicato comunista em São Paulo até então: A União dos Trabalhadores Gráficos.<sup>7</sup> Ao mesmo passo, os anarquistas conseguiam se reorganizar e faziam ressurgir a FOSP em 16 de novembro de 1930, com adesão de onze sindicatos da capital paulista (AZEVEDO, 2002, p. 61).

O próprio PCB reformulava-se com grande dificuldade de solidificar um novo grupo dirigente. No início de 1931 Heitor Ferreira Lima tornou-se Secretário Geral do Partido, mas no meio do ano o cargo foi sucedido por José Villar, um expoente do obreirismo. Octávio Brandão e sua mulher, Laura, são deportados do Brasil, e vão residir na União Soviética. Uma série de militantes são expulsos do Partido por “desvios de direita” e “prestismo”, muitos deles da cidade de São Paulo, como eram o caso de Josias Carneiro Leão e Reis Perdigão (DEL ROIO, 1990, p. 184).

O interventor no estado de São Paulo, João Alberto, concedeu a Plínio Mello, um decreto de legalização do Partido apenas no estado, com direito a uma sede em nome do partido para promover quaisquer trabalhos de organização partidária, efetuar comícios e reuniões de propaganda bem como editar qualquer publicação de caráter político. No decreto, figuravam ainda os nomes de

5. Aos camaradas da Região de São Paulo. Rio de Janeiro, 20/09/1930, p. 2. (ASMOB)

6. Sobre a origem do trotskismo no Brasil, Cf. ABRAMO, F & KAREPOVS (2015) e COGGIOLA (1984).

7. Sobre a presença do trotskismo em São Paulo, diz Leôncio Basbaum em suas memórias que “Em S. Paulo, todavia, a influência maior a prejudicar a expansão e o crescimento do PC era o trotskismo, que já saíra dos meios intelectuais para se infiltrar nos meios operários e na JC, aliás muito fraca. Já dominavam mesmo o sindicato dos gráficos, num tempo que o operário gráfico, sobretudo o linotipista, se considerava intelectual” (BASBAUM, 1976, p. 119).

Josias Carneiro Leão e Luís de Barros. A legalização do PCB no estado de São Paulo concedida por João Alberto por meio de Plínio Mello desagradou a todos. O CR-SP com Astrojildo a frente criticou duramente a medida, no que veio acompanhado também por críticas de Luís Carlos Prestes e dos trotskistas (IDEM, p. 367). Os outros interventores nos estados brasileiros, por sua vez, começaram a acusar João Alberto de moleza no combate ao comunismo, opinião compartilhada também pelo Partido Democrático de São Paulo, que aumentava diariamente sua agressividade contra o interventor paulista (PRADO, 1986, p. 104). Contudo, em agosto de 1931 o CR-SP havia sido mais uma vez desmantelado pela ação policial, que prendeu todos os seus membros, incluindo Astrojildo Pereira e Paulo de Lacerda.<sup>8</sup>

Coincidentemente, no dia seguinte as prisões, chegou em São Paulo Leôncio Basbaum e Augusto Besouchet, vindos de Montevideú. O CC incumbiu os dois militantes a tarefa de reconstruir o Partido em São Paulo. Em outubro de 1931, Basbaum propõe ao CC que se transferisse para a capital paulista, pois ali a perseguição da polícia estava menor do que no Rio de Janeiro. Em novembro foi realizada uma Conferência Regional que elegeu o novo CR-SP, com Basbaum como Secretário Geral e uma Conferência Sindical. Também o jornal do Partido, *A Classe Operária*, passou a ser editado e impresso em São Paulo.

Em janeiro de 1932 ocorreu uma Conferência que efetivou a mudança do CC para São Paulo e reorganizou seus quadros (BASBAUM, 1976, p. 114). A partir de então, os esforços do PCB passam a se direcionar para a organização de uma greve geral do operariado paulistano. A Federação Regional Sindical de São Paulo (FRS- SP), criada pelos comunistas, passou a distribuir boletins e fortalecer a propaganda nas fábricas, de maneira que a atividade se tornou intensa entre o último semestre de 1931 e o primeiro de 1932. O PCB conseguiu construir “frações vermelhas”, isto é, grupos comunistas de atuação, sobretudo nos sindicatos de ferroviários, sapateiros, metalúrgicos, condutores de veículos e hoteleiros, o que demonstra que apesar da constante repressão policial, o Partido havia aumentado significativamente sua inserção na classe operária da cidade (Idem. p. 122).

Em maio de 1932 ocorre uma reunião ampliada do Comitê Central com o objetivo de reorganizá-lo e reorganizar a atuação do Partido como um todo. Caetano Machado tornou-se Secretário Geral do Partido, e Leôncio Basbaum deixou de ser Secretário Geral do CR-SP para assumir o cargo de Secretário de Agitação e Propaganda na CCE. Roberto Morena e Mario Gazzini, ambos chegados respectivamente de Conferências e Congressos sindicais da Internacional Comunista em Moscou e na Argentina, ficaram encarregados do projeto

8. Astrojildo Pereira foi libertado no Rio Grande do Sul, voltou imediatamente para casa de sua família no interior do Rio de Janeiro, Rio Bonito, e passou a dedicar-se à produção de bananas. Paulo de Lacerda não teve a mesma sorte. Torturado e submetido várias vezes a falsas execuções, perdeu a sanidade (idem. p. 114). Astrojildo Pereira foi libertado no Rio Grande do Sul, voltou imediatamente para casa de sua família no interior do Rio de Janeiro, Rio Bonito, e passou a dedicar-se à produção de bananas. Paulo de Lacerda não teve a mesma sorte. Torturado e submetido várias vezes a falsas execuções, perdeu a sanidade (idem. p. 114).

de construção da greve geral dos trabalhadores de São Paulo (IDEM, p. 122)

No dia 2 de maio de 1932, eclode a greve puxada por ferroviários da São Paulo Railway, mas que recebe rápida adesão de outras categorias, como sapateiros, marceneiros, vidraceiros, trabalhadores em hotéis e restaurantes, padeiros, gráficos e trabalhadores da indústria têxtil. A greve, sedimentada sobre o crescente sofrimento dos operários com a alta do desemprego e da carestia de vida contou com uma negociação entre comunistas, trotskistas, anarquistas e reformistas para se realizar e tinha como pauta o aumento dos salários, o dia de oito horas de trabalho e a abolição do trabalho de menores de 14 anos (DULLES, 1977, p. 397).

O movimento grevista, mesmo devido a sua força e repercussão, sofreu repressão sistemática com invasão das sedes dos sindicatos e prisão de trabalhadores. Quando chegou o dia 18 de maio, aproximadamente duas semanas de greve, o número de grevistas presos já chegava a 400 (ARAÚJO, 1994, p. 172). Ao chegar no fim do mês, a greve permanecia coesa, mas os operários já demonstravam cansaço e desânimo. Para reanimar os trabalhadores, é chamada uma assembleia de greve na sede da UTG, perto da Praça da Sé, na Rua Barão de Piranapiacaba, nº 4, 2º andar. Uma batida da polícia nessa assembleia marcaria a derrota definitiva do movimento, com a prisão de suas principais lideranças.

Além de Basbaum, foram presos na ocasião os dirigentes comunistas Mario Grazzini, Roberto Morena, Coripheu de Azevedo Marques e Caetano Machado. A polícia política se viu auxiliada pelo contexto de guerra civil que havia tomado São Paulo a partir de julho de 1932 até outubro e usou disso para aprofundar a perseguição e repressão às organizações de trabalhadores. O CR-SP do PCB e mesmo o CC foram desmantelados com a prisão de quase a totalidade de seus membros nos meses seguintes. Também foram desmontados em razão das prisões dos militantes, a atuação do Socorro Vermelho, três casas de propaganda do PCB (a de Silvia Basbaum, onde se imprimia o jornal *A Classe Operária*, a de Eneida Costa, onde se imprimiam os materiais do Socorro Vermelho, e a de Cid Franco). Ainda “caíram” o Centro Lituano de Cultura e a Sociedade Húngara de São Paulo, duas instituições organizadas por células de comunistas imigrantes, que tinham como objetivo conquistar adeptos ao PCB dentro de suas comunidades (FLORINDO, 2012, p. 300-301).

Principalmente a partir do início de 1933, com a instituição das carteiras de trabalho, os sindicatos independentes aderiram em grande número ao Ministério Trabalho, pois era a única maneira a partir desse momento de ser reconhecido juridicamente e fazer uso dos direitos trabalhistas até então promulgados, no que se destaca o direito às férias. Ademais, também pesou o fato de que só teriam direito à cadeiras na Assembleia Constituinte do ano

de 1933 as entidades de classe que fosse oficiais, reconhecidas pelo Ministério do Trabalho. Como concluiu Castro Gomes, “tornava-se extremamente difícil para as lideranças de esquerda e pouco atraente para os trabalhadores sustentar a postura de defesa das associações independentes” (GOMES, 2005, p. 167). Mesmo os sindicatos que faziam parte da FOSP aderiram ao sindicalismo de Estado entre os anos de 1933 e 1935, restando sob a direção dos anarquistas, até pelo menos a promulgação do Estado Novo, apenas a União dos Artífices em Calçados, a Liga dos Operários em Construção Civil e o Sindicato dos Manipuladores de Pão (AZEVEDO, 2002, p. 72). Os comunistas e trotskistas tomaram a decisão tática de participar e disputar os sindicatos oficiais. No início de 1933 o PCB já havia se reorganizado, com o Comitê Central novamente no Rio de Janeiro e um novo Comitê Regional em São Paulo. Foi durante esse ano e o seguinte que os comunistas conquistaram na capital paulista a direção de sindicatos de importantes segmentos da classe operária, como ferroviários (São Paulo Railway, Central do Brasil e Sorocabana), bancários, motoristas, alfaiates, canteiros, tintureiros e médicos (AZEVEDO, 2002, p. 116-128). A respeito da atuação dos comunistas nos sindicatos oficiais nesses anos, é ilustrativo o relatório de um oficial da polícia política escrito em 1935.

Do trabalho sindical resultaram consequências imediatas, entre elas a criação de um permanente estado de agitação em vários sindicatos notadamente bancários, comerciários, contadores, ferroviários, agitação essa capeada pelas reivindicações econômicas de classe. Os movimentos grevistas da época tiveram notória publicidade, salientam recordar, entre eles o de têxteis e ferroviários da SPR, dirigida por comunistas, e padeiros, que embora orientada por anarquistas, foi largamente explorada pelo partido comunista como movimento de massas (PRONTUÁRIO nº 2431, PCB vol. 9. *Apud.* FLORINDO, 2019, p. 295).

Neste ponto é possível concluir que, se na década de 1920 é possível afirmar que o PCB era fraco, ou que tinha uma atuação insuficiente em São Paulo, na década de 1930 essa afirmação já não corresponde à realidade. É notório que o divisor de águas no que diz respeito a inserção do PCB na classe trabalhadora paulistana são 1) a firme deliberação do PCB em concentrar forças na cidade de São Paulo a partir de 1930; 2) a mudança do CC para São Paulo em novembro de 1931, sanando problemas sistemáticos do Partido na cidade durante a década de 1920, como por exemplo, a ausência de quadros qualificados, a pouca quantidade de militantes e a dificuldade de acesso e distribuição do material de

propaganda, incluindo *A Classe Operária*; 3) O fracasso dos anarquistas na luta contra a sindicalização oficial e sua incapacidade de adaptar sua tática à consolidação da nova realidade no ambiente dos sindicatos, deixando caminho aberto para os comunistas atuarem nesses sindicatos, tendo de lidar apenas com os representantes do Ministério do Trabalho. A partir de então, os comunistas tornam-se a força dominante no movimento operário paulistano. Em fins de 1934, juntamente com a iniciativa da criação da Aliança Nacional Libertadora junto aos tenentistas de esquerda e aos socialistas, o PCB lançou também a proposta de criação da Frente Única Sindical (FUS), em que todos os sindicatos operários, oficiais ou autônomos, deveriam se unir na luta pelo direito de greve, direito de propaganda e resistência contra a repressão aos sindicatos e demais organizações operárias. Em São Paulo, a FUS realizou um Congresso Sindical Nacional em maio de 1935 e criou a Confederação Sindical Unitária do Brasil (CSUB). No final do ano, a CSUB já congregava 439 sindicatos e 200 mil trabalhadores em todo país. O crescimento do PCB nos sindicatos, principalmente depois do VII Congresso da Internacional Comunista, que iniciou a política de Frente Popular, foi notória não apenas em São Paulo, mas em todo o país, mostrando que a tática de atuação dentro dos sindicatos oficiais era correta e, segundo Foster Dulles, triplicou o número de adesões ao Partido (DULLES, 1977, p. 417).

Nas palavras de Marcos Del Roio (1991, p. 243), “a verdade é que, principalmente a partir do segundo semestre de 1934, o PCB nunca fora tão forte em São Paulo”, devido ao “trabalho desenvolvido pela direção estadual que vinha se configurando há cerca de um ano”. Este CR-SP era formado por Sebastião Francisco (secretário-regional), Antônio Fiesk (secretário de organização), Hermínio Sacchetta (secretário de agitação e propaganda), Hílio de Lacerda Manna (finanças), Giacomo Tolusso (secretário sindical) e Joaquim Câmara Ferreira. A Federação da Juventude Comunista era dirigida por José Stacchini, Arnaldo Pedroso d’Horta e Noé Gertel. A Comissão Anti-militarista (anti-mil) era dirigida por João Raimondi, Davino Francisco dos Santos e Euclides Krebs. Apesar do avanço na área sindical e em meio a classe trabalhadora, no âmbito político o PCB não conseguiu eleger um representante para a Assembleia Constituinte de 1934, por meio da legenda União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB) (IDEM, p. 244).

### **Por Pão, Terra e Liberdade! A Aliança Nacional Libertadora em São Paulo.**

A Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi uma organização política nacional fundada oficialmente em março de 1935. Segundo seus estatutos, ela era uma associação constituída de aderentes individuais e coletivos, com o fim de defender a liberdade e a emancipação nacio -

nal e social do Brasil. Dela faziam parte o Partido Comunista do Brasil (PCB), Partido Socialista Brasileiro (PSB) e Partido Democrático Social (PDS), além de sindicatos, organizações de mulheres, estudantis, etc. Contudo, sua ligação com o PCB é nítida, de maneira que os comunistas representavam seu núcleo mais consistente em termos de ideologia e organização.

A ANL destacou-se por ser uma organização de massas, conseguindo organizar vários núcleos principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Estruturava-se por meio de um diretório nacional que se desdobrava em diretórios estaduais e municipais e, por fim, em núcleos ligados a esses diretórios que poderiam ser distritais, profissionais, associativos, escolares e rurais. Em três meses de vida a ANL fundou mais de 1500 núcleos por todo o Brasil e tinha uma média diária de filiação em torno dos 3000 aderentes. Ao que tudo indica, a ANL conseguiu congregiar em suas fileiras mais de 100 mil pessoas numa época que no Brasil não havia ainda 40 milhões de habitantes. Alguns jornais apoiavam a organização e se faziam porta-voz, como era o caso do *A Manhã*, no Rio de Janeiro e o *A Platéia*, em São Paulo (VIANNA, 1992, p. 123).

Caio Prado Jr., então militante do PCB, e o tenentista Miguel Costa eram os dirigentes regionais do movimento em São Paulo. A ANL organizou caravanas que viajavam por toda a cidade e estado, promovendo comícios e fundando núcleos de bairro e de cidade. Na capital paulista a ANL montou núcleos nos bairros operários do Brás e Belém, além dos bairros Santo Amaro e Ipiranga. No interior de São Paulo, fundou núcleos nas cidades de Bauru, Campinas, Cruzeiro, Chavantes e Santos (PERICÁZ, 2016, p. 101).

Enquanto militante da ANL, Caio Prado Jr., escreveu comentários a respeito do programa nacional libertador - o programa da ANL que em muito se parecia com o programa de revolução democrática burguesa defendido pelo PCB - para o jornal paulistano *A Platéia*, entre o fim de julho e começo de agosto de 1935. Os comentários tinham um duplo objetivo: divulgar o programa e melhor explica-lo, desenvolvê-lo, defendê-lo. Cumpriu a tarefa de explicar com maior densidade e riqueza de determinações do que haviam sido apresentados no manifesto-programa da ANL assuntos centrais como, por exemplo, o caráter da economia agrária brasileira e a dominação imperialista, as razões pelas quais a dívida pública e as empresas estrangeiras eram um problema para a autonomia nacional, ou como esse complexo de estrutura econômica era um entrave para a industrialização do Brasil (PRADO JR, 1998). Depois que a ANL foi colocada na ilegalidade no dia 15 de julho, enquanto os dirigentes nacionais do PCB rumavam cada vez mais para uma perspectiva insurre -

cional, a direção da ANL em São Paulo, tanto por meio de Miguel Costa, que escreveu a Prestes no 5 de julho, quanto por meio de Sebastião Francisco, já em novembro de 1935, tomaram uma perspectiva de continuidade da luta por meio da mobilização de massas e acúmulo de forças (DEL ROIO, 1991, p. 297-308). A ANL de São Paulo preferiu continuar esforçando-se para atuar na legalidade sob o nome de Frente Popular por Pão, Terra e Liberdade, iniciativa encabeçada principalmente por Caio Prado Jr., deixando claro que em sua perspectiva, o movimento aliancista deveria se esforçar para ganhar força e adesão à longo prazo, conquistando vitórias paulatinamente com a perspectiva de isolar o governo de Getúlio Vargas, ao mesmo passo que resguardava a organização e os militantes frente à repressão (IDEM, p. 302). Tito Batini, em suas memórias, nos conta que por um momento os comunistas paulistanos levantaram a hipótese de levar a cabo um levante em São Paulo, mas rapidamente recuaram dessa posição ao saber que já haviam sido derrotadas as insurreições da ANL no Rio de Janeiro, Recife e Natal (BATINI, 1991, p. 203).

A tática usada pelos comunistas e aliancistas paulistas permitiu que, após a revolta de novembro de 1935, o PCB em São Paulo tenha permanecido com suas bases organizativas, principais quadros e direção estadual quase incólumes perante a repressão política, que foi muito maior no Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Nesse momento, como o Comitê Central do PCB foi momentaneamente dissolvido em razão da prisão de seus membros, mais uma vez a autonomia do CR-SP cresce significativamente. Esse isolamento da direção estadual do partido em São Paulo e sua consequente autonomia relativa é considerada por Karepovs de crucial importância para explicar as divergências políticas que levaram a cisão no final do ano de 1938, cujo resultado será a conversão de uma nova leva de militantes comunistas para o trotskismo (KAREPOVS, 2003, p. 65).

## **Conclusão**

Em toda a bibliografia sobre a história do PCB, bem como em parte significativa das fontes, a atuação dos comunistas em São Paulo aparece como muito deficiente, quando não inexistente. Isso pode ser afirmado com alguma exatidão para os anos 1920, mas com grandes reticências, como procuramos demonstrar. O PCB, além de ter dado início a sua vida em São Paulo com poucos militantes, sofria com um verdadeiro isolamento com relação à direção no Rio de Janeiro, que além de não lhe fornecer os recursos necessários para o crescimento no maior centro industrial do país, movia seus melhores quadros para a então capital brasileira. Essa política propiciou divergências de atuação que se materializaram em um breve apoio ao Partido Democrático nas eleições de

fevereiro de 1928 e na posterior saída de quadros importantes do PCB em São Paulo para aderir ao trotskismo.

Porém, mesmo durante essa década o PCB esteve presente nos acontecimentos locais mais decisivos e firme atuação entre a classe operária. Principalmente a partir de 1925 cresceu significativamente – ainda que aquém de outros lugares - e logrou participar pela primeira vez nas eleições apresentando uma plataforma que sintetizava as demandas históricas do movimento operário e apresentava um candidato que prometia a ruptura com a sociedade burguesa. A década de 1920 é terminada com os comunistas empenhando-se e dirigindo uma das greves mais importantes do período: a greve dos gráficos de 1929.

Ao chegar na década de 1930 já não é possível sustentar a afirmação de que os comunistas eram débeis em São Paulo. Principalmente com a mudança do Comitê Central para a capital paulista - sanando o isolamento que o partido sofria neste local em relação aos centros de maior organização e força do Partido - os comunistas inseriram-se de forma decisiva entre as categorias mais importantes da classe operária paulistana, como trabalhadores têxteis, ferroviários e metalúrgicos, suplantando finalmente a hegemonia no movimento operário paulistano que até então pertencia aos anarquistas. A formação de quadros qualificados durante os primeiros anos da década de 1930 foram essenciais para o PCB permanecer como uma força estruturada em São Paulo quando seu CC voltou ao Rio de Janeiro e, como de praxe, o CR-SP voltou a agir com relativa autonomia. Desta vez, a ausência da direção nacional na atuação dos comunistas paulistanos permitiu resguardar o complexo partidário da repressão policial que abateu o movimento operário após a tentativa de revolução em novembro de 1935, de maneira que o PCB em São Paulo pode continuar a construir a política de frente única por meio da Aliança Nacional Libertadora, buscando acumular forças para retomar a ofensiva contra a crescente fascistização que o governo Vargas parecia apresentar. Ao mesmo tempo, essa mesma autonomia relativa foi o gatilho para que novas divergências surgissem entre o CR-SP e o CC do PCB, levando nova leva de comunistas paulistanos para as fileiras do trotskismo em 1938.

## Referências

ANDRETO, Lucas Alexandre. **A Formação do Partido Comunista do Brasil (PCB) na cidade de São Paulo (1922 - 1930)**. Assis: dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Unesp, 2018.

ANDRETO, Lucas Alexandre. Polo Norte do Comunismo? Os primeiros anos do Partido Comunista do Brasil (PCB) na cidade de São Paulo. **Revista Hydra**, vol. 4, nº 8, set. 2020.

ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis. **Na Contracorrente da História: documentos do trotskismo brasileiro (1930 - 1940)**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. **Construindo o Consentimento: Corporativismo e Trabalhadores no Brasil do anos 30**. Campinas: Tese (Doutorado em História) – Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 1994.

AZEVEDO, Raquel. **A Resistência Anarquista: Uma questão de identidade (1927 - 1937)**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

BASBAUM, Leôncio. **Uma Vida em Seis Tempos**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

BARSOTTI, P. B; PERICÁS, L. B. **América Latina: história, ideias e revolução**. São Paulo: Xamã, 1998.

BATINI, Tito. **Memórias de um Socialista Congênito**. Campinas: Unicamp, 1991.

BIONDI, Luigi. **Classe e Nação: Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890 - 1920)**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

CARONE, Edgard. **Classes Sociais e Movimento Operário**. São Paulo: Ática, 1989.

COGGIOLA, Oswaldo. **O trotskismo na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DEL ROIO, M. **A classe operária na revolução burguesa - A política de Alianças do PCB: 1928 - 1935**. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1990.

DULLES, John Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900 - 1935)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FLORINDO, Marcos Tarcisio. A Grande Repressão de 1932 em São Paulo. **Revista Brasileira de História e Ciências Humanas**, vol. 4, n. 8, dez. 2012.

GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalho**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

JOHNSTONE, Monty. **Um instrumento político de tipo novo**: o partido leninista de vanguarda. In HOBBSAWM, Eric (org). *História do marxismo vol. VI*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KAREPOVS, Dainis. **Luta Subterrânea**: O PCB em 1937 – 1938. São Paulo: Unesp, 2003.

KAREPOVS, Dainis. **A Classe Operária vai ao Parlamento**: O Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924 – 1930). São Paulo: Alameda, 2006.

KAREPOVS, Dainis. **Pas de Politique Mariô!** Mario Pedrosa e a política. São Paulo: Perseu Abramo, 2017.

PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. **Tradição e modernidade**: Afonso Schmidt e a literatura paulista (1906 – 1928). São Paulo: Unifeo, Fapesp, Annablume, 2002.

PEREIRA, Astrojildo. **A Formação do PCB**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2012.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Caio Prado Júnior**: uma biografia política. São Paulo: Boitempo, 2016.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **Cruzando Fronteiras**: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. Anos 90, Porto Alegre, n 3, jun. 1995. P. 129 – 152.

PRADO JR, C. **Evolução Política do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PRADO, Maria Lígia Coelho. **Democracia Ilustrada**. São Paulo: Ática, 1986.

SCHMIDT, Afonso. **Bom Tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1958.

VIANNA, Marly. **Revolucionários de 35**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

O presente artigo insere-se na categoria das abordagens historiográficas de recorte regional. Tomando como pressuposto a necessidade tática das organizações comunistas se adaptarem ao seu lugar específico de atuação, buscamos mostrar a especificidade do surgimento e desenvolvimento do Partido Comunista do Brasil (PCB) na cidade de São Paulo. Além de uma descrição sintética das primeiras décadas de vida do PCB na capital paulista, será exposto como os comunistas paulistanos atuaram com grande dificuldade, construindo o Partido com assistência muito deficiente por parte do Comitê Central sediado no Rio de Janeiro.

**RESUMO**

Partido Comunistas do Brasil (PCB); São Paulo; Movimento Operário.

**PALAVRAS-CHAVE**

This article falls within the category of historiographical approaches with a regional focus. Assuming the tactical need of communist organizations to adapt to their specific place of action, we seek to show the specificity of the emergence and development of the Communist Party of Brazil (PCB) in the city of São Paulo. In addition to a synthetic description of the first decades of the PCB's life in the capital of São Paulo, it will be exposed how the São Paulo communists acted with great difficulty, building the Party with very poor assistance from the Central Committee based in Rio de Janeiro.

**ABSTRACT**

Communist Party of Brazil (PCB); Sao Paulo; Labor movement.

**KEYWORDS**

---

**LUCAS ALEXANDRE ANDRETO**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2552-6052>

E-mail: [andreto.lucas@gmail.com](mailto:andreto.lucas@gmail.com)

RECEBIDO: 13.01.2022

ACEITO: 28.05.2022